



A FRAGMENTAÇÃO DO SUJEITO MODERNO: UMA ANÁLISE DAS PERSONAGENS EM *BENJAMIM*, ROMANCE DE CHICO BUARQUE



THE FRAGMENTATION OF THE MODERN SUBJECT: AN ANALYSIS OF CHARACTERS IN *BENJAMIM*, ROMANCE OF CHICO BUARQUE

LARISSA FERREIRA CARNEIRO

NATÉRCIA MORAES GARRIDO

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS
RECEBIDO EM 227/07/2020 ● APROVADO EM 01/10/2020

Abstract

This work aims to analyze the identity fragmentation of characters Benjamim Zambraia and Ariela Masé from the novel **Benjamim** (1995) by Chico Buarque. Thus we searched for theoretical basis on the studies of Bauman (2005), Candido (2006) and Hall (2006), among others. We came to the conclusion, after all the research and analysis of bibliographical material and data and the novel's attentive Reading that identity fragmentation is one of the core elements which portrays those characters.

Resumo

Este artigo visa analisar a fragmentação identitária das personagens Benjamim Zambraia e Ariela Masé do romance **Benjamim** (1995), de Chico Buarque. Para isso buscou-se embasamento teórico nos textos de Bauman (2005), Candido (2006), Hall (2006), dentre outros. Mediante todo o levantamento de dados

bibliográficos e da leitura minuciosa da obra, evidenciou-se que a fragmentação identitária é um dos elementos centrais que caracteriza as personagens.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Identity. Fragmentation. Analysis.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Fragmentação. Análise.

Texto integral

1. INTRODUÇÃO

Os estudos direcionados à compreensão da formação identitária do sujeito são recentes, pesquisas relacionadas a este eixo temático tornaram-se mais recorrentes na década de 1980. Essa década foi caracterizada por grandes acontecimentos que marcaram imensuravelmente os contextos relacionados ao meio social. A nível internacional, ocorre em 1982 a Guerra das Malvinas, um conflito que se deu entre a Argentina e o Reino Unido, que tinha como principal foco a posse do Arquipélago do Atlântico Sul. Em 1989, ocorre a Queda do Muro de Berlim situado na Alemanha, demonstrando o enfraquecimento da Guerra Fria; tanto os interesses socialistas quanto os capitalistas estavam focados na dominação territorial.

No Brasil, a década de 1980 foi um período de grandes abalos socioeconômicos. Em 1984, é organizado um movimento intitulado *Diretas Já* obtendo muita repercussão no meio social. Com vários adeptos este movimento não teve seu objetivo cumprido, porém já apontava para o fim de 30 anos de Ditadura Militar. A década de 80, no contexto brasileiro, também foi denominada de Década Perdida, pois as idealizações econômicas, tendo como foco gerador a exploração e a comercialização petroleira, também não tiveram seus objetivos alcançados, ocorrendo o inverso do que se esperava, desencadeando uma hiperinflação em conjunto com os graves problemas sociais herdados da Ditadura Militar.

Oriundo desses protestos e conflitos políticos e ideológicos que envolveram todas as camadas sociais direta e indiretamente, emerge um sujeito, como afirma Bauman (2005), “abandonado, dessocializado, fragmentado e solitário”. Sem uma base sólida à qual possa recorrer, o indivíduo flutua nessa sociedade fatiada pelas hierarquias de poderes, principalmente hierarquias capitalistas. Mediante essas desorientações, fez-se necessário estudos minuciosos que buscassem compreender o comportamento e o papel identitário desse novo sujeito social: o sujeito moderno.

Os estudos identitários se estenderam para o campo literário. Obras, tanto modernas quanto antigas, apresentam um bom material para a análise do comportamento humano, mais diretamente à análise sobre a fragmentação da identidade humana a partir das personagens expostas nas narrativas desses romances. Este trabalho se funda sob esse argumento. Após a leitura do romance

Benjamim (1995), de Chico Buarque, ficou evidente que o autor criou e caracterizou as personagens baseando-se na realidade histórica social de sua época.

Assim sendo, este artigo tem o foco de entender essa fragmentação identitária que constitui o sujeito moderno, representada no romance supracitado. Analisaremos a fragmentação identitária das principais personagens Benjamim Zambraia e Ariela Masé do romance **Benjamim**. Para isso, buscou-se embasamento teórico nos textos de Bauman (2005), Buarque (1995), Candido (2006), Hall (2006), entre outros. Como parte introdutória, procuramos entender a concepção de *Identidade*; posteriormente, analisaremos as duas personagens mencionadas e seu processo de fragmentação identitária.

2. IDENTIDADE

Quando se discorre sobre identidade, não se pode deixar de falar em uma dicotomia que a permeia por completo. A grande parte dos teóricos que se dispuseram a analisar o processo construtor de identidade salienta que esta se estabelece entre dois planos: o externo e o interno, sempre existindo a relação com o meio social em que o sujeito está inserido.

O externo seria o social e o interno o individual. O social atua sobre o individual, e, assim sendo, o sujeito retém aquilo que lhe é conveniente e, após essa seleção de características, volta-se para o social, que absorve agora características do individual (HALL, 2006). Isso ocorre em todo processo construtivo identitário do sujeito, pois, a cada inovação surgida na esfera social, o indivíduo sofre alteração em sua identidade. Hall (2006) continua dizendo que:

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo., através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada" (HALL, 2006, p. 38).

Hall (2006) reflete sobre como a noção de identidade está intrinsecamente ligada à concepção cultural a qual, assim como a identidade, também é passível de reformulações. Bauman (1995) dispõe de uma visão sobre a identidade contemporânea a partir das profundas alterações ocorridas durante o desenvolvimento humano. Segundo o sociólogo, o sujeito antes era condicionado a adquirir particularidades ideológicas que permeavam a sua cultura, os papéis sociais não eram suscetíveis a transformações drásticas, e as identidades desenvolviam-se através de um núcleo consistente e seguro, proporcionadas por um estado-nação ou por outra entidade responsável pela organização de uma sociedade.

Estamos falando de uma época em que princípios universais eram estabelecidos, e as pessoas já nasciam com suas identidades predestinadas a serem

cumpridas no âmbito social. Bauman (1995) não se posiciona de maneira tendenciosa quanto a esse argumento, uma vez que essa identidade já estabelecida mediante fatores de classe social, cor, sexo, entre outros, firmava-se sob uma ambivalência, já que o indivíduo não era posto em uma situação de escolha livre no que diz respeito à constituição de sua identidade, gerando, dessa forma, vários conflitos existenciais. Sobre as indagações que circundam a problemática identidade, Bauman (1995) discorre que:

A principal razão pela qual os fundadores da sociologia moderna não podem responder às perguntas surgidas a partir de nossa difícil situação presente é que, se cem ou mais anos atrás o “problema da identidade” foi moldado pela vigência de um princípio de *cuius regio, eius natio*, os atuais “problemas de identidade” se originam, pelo contrário, do *abandono* daquele princípio ou do pouco empenho na sua aplicação e da ineficácia de seu fomento onde isso é tentado (BAUMAN, 2005, p. 30).

Esse abandono que Bauman enfatiza ser o principal foco da descentralização do sujeito moderno está intrinsecamente ligado ao processo de globalização às quais as sociedades foram submetidas. “Hoje em dia, o mundo rumo a uma nova direção: não mais nacional, e sim global. Vive-se uma era cuja dinâmica global está cada vez mais presente nas nossas vidas, afetando-nos individualmente e de forma indiscriminada” (RAMALHO, 2012, p. 349).

Os avanços nas áreas científicas e tecnológicas desencadearam novos papéis sociais a serem incorporados à identidade do indivíduo contemporâneo. Para uma compreensão mais concisa sobre as incertezas que compõem essa nova identidade, Zinani (2013) pontua que:

Se, no período anterior, a identidade estava bem-estabelecida, e o sujeito ocupava efetivamente o seu lugar no tempo e no espaço, hoje o sujeito está fragmentado, e a identidade perdeu seu caráter de singularidade para se estruturar em formas múltiplas, de acordo com os deslocamentos psíquicos e sociais [...] A multiplicidade de papéis – desempenhados ou virtuais – é um fator decisivo na constituição da subjetividade (ZINANI, 2013, p. 63).

“A fragilidade e a condição eternamente provisórias da identidade não podem ser mais ocultadas” (BAUMAN, 2005, p. 22). Segundo o autor, a identidade se estabelece em uma condição fragmentada devido ao social não possuir mais em si o sinônimo de coletivo, mas sim de individual. Voltando ao que já foi mencionado anteriormente, não há mais uma base originária cuja identidade humana possa se estabilizar. Perante essa soltura social, faz-se necessário a elaboração de subsociedades que deem conta desse pluralismo que compõe o indivíduo moderno.

Bauman (2008) lança um olhar sobre o mundo “líquido moderno” onde todas as metas individuais se voltam para o alcance do sucesso econômico, pois foi criada

no imaginário do indivíduo moderno, a noção de plenitude do ser partindo da ideologia do consumismo: quanto mais recursos financeiros as pessoas tiverem, mais centradas e felizes serão. No entanto, a ascensão econômica formulada a partir desse ideário de completude e felicidade tornou-se o inverso. O que é perceptível hoje, segundo o autor, é uma “fragilidade no bem-estar subjetivo” (BAUMAN, 2008, p. 6).

3. A FRAGMENTAÇÃO IDENTITÁRIA DAS PERSONAGENS BENJAMIM ZAMBRAIA E ARIELA MASÉ NO ROMANCE “BENJAMIN”, DE CHICO BUARQUE

Conforme dissemos anteriormente, o social sempre foi um fator significativo no desenvolvimento criativo de uma obra literária. A literatura enquanto expressão artística, em particular, sempre desempenhou um papel de suporte à ascensão e à compreensão humanas. Sendo assim, ela está intrinsecamente associada ao elemento social por uma razão evidente: a criação literária parte de uma predisposição humana, compondo-se de agentes internos e externos. Schollhammer (2009, p. 159) diz que “a realidade não é objeto exterior à ficção, mas a potência de transformação e de criação que nela se expressa”.

Conforme Candido (2006), tanto os agentes internos como os externos, no que se refere à criação literária, são indesejáveis, já que a composição de um texto literário não pode se fundar em uma ideia social fechada destinando a *forma* e a *estrutura* ao abandono; logo, o inverso também não pode ocorrer, pois a obra literária tem que dispor de um equilíbrio. “Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (CANDIDO, 2006, p. 14).

Candido continua sua reflexão acerca da importância do social na gênese do texto literário, explicando que a análise desse fator em uma obra não pode partir de um entendimento superficial, expondo meramente os componentes sociais explícitos em sua estrutura narrativa. “Todos sabemos que a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais” (CANDIDO, 2006, p. 21).

Portanto, a representatividade da realidade social no espaço literário ocorre em um plano mais elevado, sobrepunhando o real, confrontando, assim, de maneira reflexiva, o leitor com a própria sociedade que, por meio de uma ficcionalização, desnuda todo o *corpus* de ações que integra o real. Isso só é possível devido ao social ser transportado para dentro da obra de arte, no caso literária. Se a arte literária não se apropriasse do social, ela não teria o mesmo impacto reflexivo; tampouco o social seria compreendido em sua totalidade sem a arte literária.

Esses argumentos formulados por Antonio Candido em sua obra **Literatura e Sociedade** (1965) podem ser evidenciados no romance **Benjamim** (1995), de Chico Buarque, cuja temática principal centra-se nos sentimentos conflituosos das personagens Benjamim Zambraia e Ariela Masé, que foram desenvolvidos desordenadamente a partir de seus relacionamentos sociais.

O ficcionista carioca dispõe de uma sensibilidade narrativa que capta os principais conflitos existenciais que permeiam a esfera sócio-histórica de sua época. Chico Buarque consegue apreender, em suas personagens, as particularidades fragilizadas que organizam o sujeito social de seu tempo.

A fragmentação identitária é o elemento mais vigente no romance analisado. No tocante à prosa de autores contemporâneos, Schollhammer diz que (2009) “o que encontramos, sim, nesses novos autores, é a vontade ou o projeto explícito de retratar a realidade atual da sociedade brasileira, frequentemente pelos pontos de vista marginais ou periféricos” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 53). Assim sendo, é exposto a seguir um fragmento da obra que evidencia o desequilíbrio emocional da personagem Ariela Masé:

Naquele dia, ao voltar para casa, Ariela começou a se estapear no rosto como fazia quando era criança, depois fechou as mãos e esmurrou-se meio sem jeito no couro cabeludo, para não deixar marcas, finalmente atirou-se de cabeça contra a parede, ficou tonta e vomitou líquidos (BUARQUE, 1995, p. 6).

A cobrança do mundo moderno e o sentimento de insegurança são os principais fatores que contribuem para a formação das características que compõem o ser de Ariela. A narrativa revela uma personagem ambígua e contraditória, isso porque, em alguns momentos da história, ela é descrita como uma mulher segura de si e de atitude; já em outros momentos, demonstra-se imatura e com características traumáticas.

Para uma melhor compreensão dessa ambivalência, Hall (2016) compreende a construção identitária a partir de dois fatores: o *externo* e o *interno*. Ariela possui uma identidade que a representa na esfera social, mas a distância de si mesma quando comparada a seus reais sentimentos. Nesse sentido, o *externo* (social) atua sobre o *interno* (individual) de maneira defeituosa, já que o social colide com o individual, gerando, assim, uma crise em sua existência. Sobre essa complexidade na gênese identitária, Bauman (2005) argumenta que:

No outro polo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não têm direito de manifestar as suas preferências e que no final se *veem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros* – identidade que eles próprios ressentem, mas não têm permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam... (BAUMAN, 2005, p. 44, grifo nosso).

Ariela foi impedida desde cedo de escolher o que iria compor a sua identidade, isso porque ela foi adotada por uma família indígena, cujos traços físicos não eram semelhantes aos seus. Sua infância sempre esteve em um plano duvidoso, visto que Ariela não sabia ao certo o porquê de tanta discrepância entre sua família e ela. A interferência do social ditou desde sempre as características que comporiam

sua personalidade, uma vez que ela nunca soubera de fato sua origem, quem foram seus verdadeiros pais e porque a abandonaram. Concordamos então com a citação de Bauman (2005) mencionada acima, já que a personagem sempre foi estereotipada e incompreendida pelo seu meio social, o que gerou uma grave crise de autoaceitação e um profundo sentimento de deslocamento:

Ao menstruar pela primeira vez, Ariela deitou-se e esperou que caíssem no travesseiro todos os seus cabelos. Em noite de lua cheia renasceriam negros e sedosos, de acordo com o que profetizara a mãe tempos antes, para lhe aplacar uma crise de nervos. Breve Ariela os soltaria ao vento, iria à escola de franja, à missa iria de tiara, e quando se enfastiasse faria um rabo-de-cavalo. Para os serviços domésticos armaria um coque igual ao da mãe, que lhe parecia uma bailarina quando estendia a roupa lavada, na ponta dos pés, ao longo do varal. Mais tarde, em plena puberdade, resignada a passar a ferro a carapinha, e crescida a ponto de poder olhar o horizonte por cima do varal, Ariela descobriu que a mãe era pouco mais que uma anã. Deu de implicar com a cara da mãe, suas maçãs saltadas, abominava sua bunda chata, achava grotesco o seu rebolado junto ao tanque, montada nuns tijolos. Em suma, a mãe era uma índia, eram índios seus primos e tios, e Ariela não aceitava aquela família (BUARQUE, 1995, p. 45).

À medida que a personagem foi se desenvolvendo física e psicologicamente, a sua compreensão de mundo foi se ampliando e se modificando, ao passo que o seu meio de convívio não dispunha mais de traços sólidos que pudessem ser reformulados por ela, com o intuito de se descobrir como sujeito integrante desse meio. Ariela se sente, agora, deslocada na aldeia onde fora criada. Por esse motivo, abandona a mãe e vai para a cidade a fim de encontrar um lugar onde sentisse uma sensação de pertencimento verdadeira. Sobre essa mudança de paradigmas, Bauman (2005) lança uma visão reflexiva sobre a mutação tanto de pertencimento quanto de identidade:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastantes negociáveis e renegociáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a identidade (BAUMAN, 2005, p. 17).

A personagem sai então do meio que a aprisiona, migrando assim para a cidade, onde consegue emprego e moradia, mas esses fatores não suprem a necessidade de Ariela de se tornar completa e feliz, uma vez que mora em um apartamento medíocre, em localização periférica, e trabalha em um ambiente pouco

propício para o seu desenvolvimento profissional. Ela não consegue evoluir de seu estado anterior, e são precisamente esses fatores de não superação e de não conquista do seu sucesso pessoal e profissional que favorecem a fragmentação e a oscilação de sua identidade.

O indivíduo moderno é induzido e manipulado a acreditar em uma totalidade de bem-estar e satisfação originária no consumismo exagerado, tendendo assim, a gastar a maior parte do seu tempo buscando meios para ascensão econômica com o intuito de se tornar feliz a partir dessa conquista. Isso desencadeia um estado identitário fragilizado e caótico, uma vez que não encontra nos bens de consumo essa totalidade tão ansiada (BAUMAN, 2008).

A personagem Ariela Masé é ludibriada por esse ideal proveniente da ascensão do capitalismo. Segundo Bauman (2008, p. 11), os “observadores indicam que cerca de metade dos bens cruciais para a felicidade humana não tem preço de mercado nem pode ser adquirida em lojas”. O sociólogo frisa que as pessoas estão perdendo a sensibilidade que as tornam humanas, e que as sociedades estão cada vez mais instantâneas e “liquidificadas” em suas relações interpessoais.

Mediante essa colocação, Chico Buarque apreende em sua narrativa as particularidades traumáticas que integram o sujeito social contemporâneo. Este é exemplificado por meio da criação de personagens e pela ficcionalização do real com o intuito de expor uma análise crítica compreensiva sobre esse sujeito descentralizado e indefinido. Sobre esse aspecto narrativo, Araújo (2009, p. 2) salienta que “temos, nesse sentido, obras literárias que nos propiciam informações de determinados momentos históricos de nossa sociedade, e essas mesmas informações socioculturais é que podem contribuir para a imagem que a obra literária faz da sociedade”.

Tendo como base os argumentos mencionados anteriormente, analisaremos, agora as discrepâncias que constituem a identidade de Benjamim Zambraia, personagem central do romance. “**Benjamim** oferece um enredo capaz de fazer-nos refletir sobre a condição social, afetiva e psicológica da sociedade nestes tempos de contemporaneidade” (ARAÚJO, 2009, p. 10). A seguir um fragmento da obra:

Desce da cadeira, abre a pasta e atira-a para o alto, como se tivesse achado um inseto. Retalhos de revistas e jornais cobrem os tacos do assoalho ao pé da cama. Formam uma tapeçaria decorada com um elemento obsessivo, uma figura humana que muda de flanco, de dimensões, de roupa e de cenário, mas nunca de fisionomia, e essa figura é Benjamim Zambraia aos vinte e cinco anos (BUARQUE, 1995, p.8).

Benjamim Zambraia era modelo fotográfico, reconhecido e admirado socialmente. Como qualquer jovem de vinte e cinco anos, gostava de garotas e estas gostavam da ideia de terem um modelo como companhia. A personagem era desprovida de laços afetivos sólidos; seus romances e paixões terminavam à mesma proporção que começavam. Há uma ruptura nesse modo de viver, causado pela figura de Castana Beatriz que viria a ser o grande amor de Benjamim e que mudaria todo o curso de sua vida:

E Benjamim põe-se a admirar Benjamim Zambraia aos vinte e cinco anos. Põe-se a invejá-lo tão intimamente, e com tanta propriedade, que não tarda em usurpar-lhe a namorada. Com olhos trinta anos mais velhos, Benjamim reproduz a ouro e fio a Castana Beatriz que um dia conheceu numa sessão de fotos. É certo que não pode vê-la saltitando em sua direção, entre spots e ventiladores, como a viu em seu primeiro encontro; a Castana Beatriz diante de si é sempre uma fotografia, e permanece estática. Mas como em toda foto de pessoa com quem se partilharam momentos variados, sua figura termina por se locomover no tempo (BUARQUE, 1995, p. 8).

Todas as sequências narrativas do romance se dirigem à fragmentação da personagem Benjamim ao longo do tempo. Por não ter conseguido se aliançar com Castana Beatriz, ele oscila no tempo, não possuindo ânimo e nem estrutura emocional para subverter ou amenizar os traumas que o acometeram no passado e que foram os principais responsáveis por seus desequilíbrios psíquicos e sociais. Novamente percebemos aqui como se desencadeia um sujeito ficcional ambíguo, com sintomas esquizofrênicos e acomodado com a mediocridade de sua existência. Para Bauman (2008):

Os prazeres do relaxamento não são os únicos sacrificados no altar da vida apressada em nome da economia de tempo para buscar outras coisas. Quando os efeitos antes atingidos graças a nossa engenhosidade, dedicação e habilidades, adquiridas com dificuldade, foram "terceirizados" numa engenhoca que exige apenas sacar um cartão de crédito e apertar um botão, algo que fazia muitas pessoas felizes e provavelmente era vital para a felicidade de todos se perdeu pelo caminho: o orgulho pelo "trabalho bem-feito", pela destreza, astúcia e habilidade, pela realização de uma tarefa assustadora, a superação de um obstáculo inexpugnável (BAUMAN, 2008, p. 15).

Dialogando com a citação de Bauman, Benjamim acomodara-se a viver em um mundo instantâneo e pronto, onde todas as suas vontades eram sanadas sem exigir muito esforço, pois tudo cooperava para isso: sua beleza, sua estabilidade financeira, seu futuro promissor como modelo, tudo era posto sem muito esforço ao seu alcance. No entanto, quando Benjamim se depara com problemas, oriundos do seu relacionamento com Castana Beatriz, que requereriam mais esforços de sua parte, ele não soube como enfrentá-los, pois não dispunha de maturidade para isso:

Precisa examiná-la outra vez, com calma, por isso fecha os olhos e repete: "Quer casar comigo?". E pode vê-la soltar uma gargalhada, jogar para trás a cabeça cheia de cachos castanhos, em seguida sondar a bolsa que é quase uma mochila e exhibir-lhe de longe uma

carteira de identidade (a foto assustada, a data de nascimento, a caligrafia redonda (BUARQUE, p. 19).

Sobre a correlação entre temáticas sociais e estudos literários, Araújo (2009, p. 8) menciona que “os estudos literários ganham ainda mais quando a literatura é estudada como uma prática cultural específica e as obras são relacionadas a outros discursos”, em específico o sociológico. Buarque (1995) consegue, com precisão, ficcionalizar a realidade do indivíduo contemporâneo, confirmando, por intermédio de sua narrativa, o caráter fragmentário e plural desse sujeito social, como mostra o fragmento retirado do romance:

Desiste do telefonema e senta-se de costas para a rua, pois suspeita que o estejam vigiando da calçada oposta. Ele sabe que, se uma lente perspicaz focalizasse sua fisionomia ao longo daquela semana, surpreenderia um maníaco [...]. Hoje Benjamim acordou com a resolução de arranjar um trabalho, ganhar um dinheiro, fingir ocupar-se com outras coisas. (BUARQUE, 1995, p. 13).

Bauman (2008) menciona que um dos inúmeros fatores que corrobora para esse caráter de incompletude, que elabora o sujeito moderno, está atrelado ao aceleração e instantaneidade dos laços afetivos, decorrente do processo de globalização que as sociedades são submetidas. Portanto, é evidente a natureza sociológica do romance **Benjamim**, de Chico Buarque. Não que essa seja a única. Mas Buarque (1995) consegue, por meio do seu fazer literário, fundir elementos estruturais literários com elementos que compuseram a realidade social de duas épocas, cuja personagem principal fica oscilando entre passado, (1964 -1985), o período em que ocorre o Golpe civil-militar no Brasil, e a contemporaneidade.

4. CONCLUSÃO

O romance **Benjamim**, de Chico Buarque, apresenta em sua estrutura um rico leque de possibilidades de análises, tanto históricas, estilísticas, quanto sociais. Escolheu-se, nesse trabalho, a vertente social por ela ser uma linha de pesquisa que colabora para a reflexão e a compreensão das problemáticas sociais oriundas dos avanços tecnológicos e do próprio sistema de globalização das sociedades. O processo criativo literário sempre possuiu, em sua essência, um teor crítico e transformador, uma vez que este proporciona uma visão mais aguçada das incertezas humanas.

Mediante todo o levantamento de dados bibliográficos e da leitura minuciosa da obra **Benjamim**, foi evidenciado que a fragmentação identitária é um dos elementos centrais que caracterizam as personagens desse romance. O estudo dessas personagens de características ambíguas que não conseguiram estruturar seu estado íntimo face às mudanças histórico-sociais pelas quais passaram, possibilitou também visualizar um panorama da sociedade contemporânea brasileira e de como o comportamento individual está sendo afetado drasticamente por suas próprias relações interpessoais e que se desenvolvem superficialmente ocasionando um aproveitamento descartável do outro.

Referências

ARAÚJO, Érica Tavares de. **Benjamim, Ariela e Castana: vida, tempo e relações interpessoais no Benjamim de Chico Buarque**. Anais do IV Colóquio Internacional Cidadania Cultura: diálogos de gerações. Campina Grande. Editora EDUEPB, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BUARQUE, Chico. **Benjamim**; revisão, Ana Maria Barbosa e Renato Poteza. São Paulo: Editora Schwarcz LTDA, 1995. (versão digital).

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9 ed. Ouro sobreAzul. Rio de Janeiro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP7&A, 2006.

RAMALHO, Néson Alves. **Processos de globalização e problemas emergentes: implicações para o Serviço Social contemporâneo**. São Paul, 2012.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e gênero: a construção da identidade feminina**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2013.

Para citar este artigo

CARNEIRO, L. F.; GARRIDO, N. M. A fragmentação do sujeito moderno: uma análise das personagens em benjamim, romance de Chico Buarque. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 1, 2021, p. 38-49.

As Autoras

LARISSA FERREIRA CARNEIRO possui graduação na área de Letras Literatura Licenciatura pela Universidade Estadual do Maranhão CESC/ UEMA. Fora bolsista FAPEMA (2016 – 2017).

NATÉRCIA MORAES GARRIDO é mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP; Professora Assistente do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA/ Campus: Caxias)